

Política Econômica

e m f o c o

Suplemento 3 do Boletim quadrimestral do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica – n. 1 – maio/ago. 2003.
15 de outubro de 2003.

UMA RECUPERAÇÃO PRECÁRIA

Edgard Antonio Pereira

INSTITUTO DE ECONOMIA DA UNICAMP

Diretor

Prof. Dr. Paulo Eduardo de Andrade Baltar

Diretor Associado

Prof. Dr. Marcio Percival Alves Pinto

Diretor Executivo do CECON

Prof. Dr. Ricardo de Medeiros Carneiro

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO

Política Econômica

Prof. Dr. Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo

Prof. Dr. Ricardo de Medeiros Carneiro

Economia Internacional

Prof. Dr. Antonio Carlos Macedo e Silva

Balanco de Pagamentos

Profa. Dra. Daniela Magalhães Prates

Moeda e Finanças Privadas

Profa. Dra. Maryse Farhi

Finanças Públicas

Prof. Dr. Geraldo Biasoto Junior

Produção, Emprego e Renda

Prof. Dr. Edgard Pereira

Adriana Nunes Ferreira (Doutoranda do IE)

Métodos Quantitativos

Profa. Dra. Rosângela Ballini

Gerência de Informações

Eliana Ribeiro da Silva

Estagiários

Bruno Martarello Conti

Christiane Martins Yano

Cristiana Fernandes Villas Boas

Frederico Quaresma Madureira

Lucas Ferraz Vasconcelos

Maria Fernanda Zanetti de Souza

Marina Oliveira Moraes

Rafael Rezende Brigolini

Secretaria do CECON

Mário Aparecido de Gobbi

Projeto visual/Normalização/

Editoração eletrônica

Célia Maria Passarelli

A recuperação da produção industrial no mês de agosto não é motivo para tanta comemoração. O crescimento de 1,5% da Indústria Geral, segundo a PIMPF do IBGE, série com ajuste sazonal, é resultado essencialmente de dois fatores: a) crescimento da produção dos setores ligados direta ou indiretamente ao mercado externo; b) incentivos setoriais específicos à produção de alguns bens de consumo durável. Como vêm acontecendo há meses, o nível de atividade industrial só não tem apresentado pior desempenho especialmente em função das exportações. Se há algo a ser destacado no comportamento da indústria em agosto é a constatação de que as exportações ainda têm tido fôlego para estimular parte da economia, apesar da persistente valorização cambial desde março desse ano. Quanto aos incentivos setoriais, são medidas tópicas de curta duração, incapazes por si só de desencadear um processo de recuperação da atividade até mesmo dos setores alvo do benefício. No máximo, o resultado obtido é um mini ciclo de renovação ou aquisição, concentrada no tempo, de um conjunto restrito de bens duráveis.

A manutenção das vendas externas em patamares elevados, mesmo com a evidente perda de rentabilidade da produção nacional, está certamente relacionada à estagnação do mercado interno. Na ausência de demanda doméstica, a oferta interna busca nos mercados internacionais volume para ao menos diluir custos fixos, vendendo, no limite, a custo marginal. Contribuiu também para o comportamento positivo das exportações uma inesperada recuperação do preço de algumas *commodities*, em particular a soja.

A análise mais detida da composição da taxa de variação da produção industrial em agosto confirma a dicotomia entre o comportamento da produção “para exportação” e “para mercado interno”. Na comparação entre a variação acumulada de janeiro a agosto de 2003 e o mesmo período de 2002, a Indústria Geral apresentou queda de 0,46% (ver [Tabela 1](#)). Esse índice negativo pode ser decomposto entre a somatória das variações positivas (1,96%) e a das variações negativas (-2,42%). No primeiro grupo estão,

por ordem de contribuição, os gêneros Mecânica, Metalurgia, Extrativa Mineral, Borracha, Papel e Papelão, Madeira e Couros e Peles. Apenas os três primeiros acumulam 1,73% de variação positiva, ou seja, cerca de 88% da variação positiva total. Nesses gêneros, os destaques são para os setores: *i)* Tratores Agrícolas, *ii)* Ferro e Aço Fundidos e Chapas Inox e *iii)* Petróleo Bruto e Minério de Alumínio, segmentos inequivocamente vinculados, direta ou indiretamente ao comércio exterior.

Tabela 1 Indústria - Janeiro/Agosto de 2003 Varição sobre igual período de 2002		
Gêneros	Composição da taxa (%)	Sub gêneros com maiores variações
Mecânica	0,86	Tratores agrícolas de 100 ou mais HP e colhedeiças
Metalúrgica	0,63	Ferro e aço fundido e chapas de aço inox.
Extrativa Mineral	0,24	Petróleo em bruto e minério de alumínio
Borracha	0,10	Mangueiras, canos e tubos de borracha e pneumáticos p/ automóveis
Papel e Papelão	0,08	Celulose de todos os tipos, papel apergaminhado ou sulfite
Madeira	0,04	Madeira serrada ou desdobrada
Couros e Peles	0,01	Couros e peles de bovinos
Subtotal	1,96	
Mat. de Transporte	-0,05	Vagões de carga, de passageiros e tanques, camionetas e utilitários
Prod. Alimentares	-0,08	Molhos preparados - exc. p/ massas e suco e conc. de laranja
Bebidas	-0,08	Vinhos de uva - incl. Vermute, e cervejas - incl. Chope
Fumo	-0,08	Fumo em folha beneficiado e cigarros
Química	-0,09	Gasolina comum para autoveículos e nafta
Mobiliário	-0,11	Armários de madeira para quartos e poltronas e sofás de madeira
Min. Não-Metálicos	-0,20	Cimento comum e pedra britada
Prod. Mat. Plásticas	-0,21	Mangueiras, canos e tubos de plástico e artigos p/ uso doméstico
Farmacêutica	-0,30	Vitaminas e antibióticos dosados
Têxtil	-0,30	Tecido acabado ou beneficiado de algodão e fio cru de algodão
Vest., Calç., Art. Tec.	-0,43	Blusas, blusões e camisas esporte e camisetas
Mat. Elétrico e Com.	-0,49	Transf. de alta tensão
Subtotal	-2,42	
Indústria Geral	-0,46	

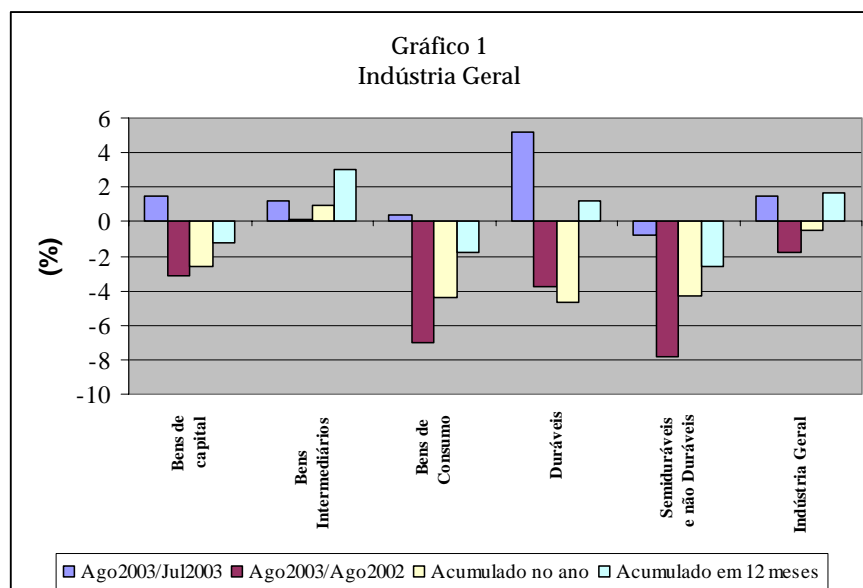
Fonte: IBGE.

A distribuição das contribuições para a soma da variação negativa é, ao contrário, bem mais dispersa. As variações negativas no acumulado em oito meses do ano estão compreendidas no intervalo entre 0,05%, gênero Material de Transporte, e 0,49%, Material Elétrico e de Comunicações. A soma das três maiores contribuições: Material Elétrico e de Comunicações (0,49%), Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido (0,43) e Têxtil (0,30%) alcança cerca de 50% das variações negativas, em comparação com os 88% da soma das três maiores variações positivas. Em resumo, enquanto o “lado positivo” da evolução da indústria concentra-se em poucos setores, o “lado negativo” espalha-se pela maioria dos gêneros da Indústria.

Além disso, a comparação entre a produção industrial em agosto de 2003 e em agosto de 2002, apropriada para avaliação da tendência dos índices acumulados e da variação em 12 meses, mostra que a Indústria ainda está em queda, regredindo 1,8% (Gráfico 1). De fato, desde abril de 2003 o nível da Produção Industrial vem caindo na comparação do mês de referência com o mesmo mês do ano anterior. Ou seja, embora tenha crescido em relação a julho corrente, a

produção industrial em agosto não recuperou o patamar do ano passado, indicando que a retomada no mês não parece ser suficiente para reverter a previsão de queda da produção da indústria para o ano de 2003 (janeiro a dezembro).

Visto pela ótica das categorias de uso, fica evidente a “estrutura” da recessão industrial. O consumo de bens não duráveis e semiduráveis, tipicamente comercializados no mercado interno e componentes essenciais da cesta de consumo das classes de mais baixa renda, vem caindo de forma impressionante. Comparados agosto de 2003 e agosto de 2002, a queda é de espantosos 7,8%. A festejada recuperação não chegou aos bens produzidos para a maioria esmagadora da população. Restringiu-se, na categoria bens de consumo, a aqueles poucos que beneficiados pela redução da taxa de juro e pela benemerência fiscal do governo puderam adquirir automóveis ou eletrodomésticos novos. Como os benefícios atingem parcela diminuta da população, o crescimento de 5,2% no mês de agosto da produção de bens de consumo duráveis (série com ajuste sazonal) levou a uma variação positiva de apenas 0,4% para o conjunto dos bens de consumo.



E não poderia mesmo ser diferente. Em agosto de 2003, o número de pessoas desocupadas cresceu 3,2%, dados da PME do IBGE. A taxa de desocupação foi de 13%, superior aos já elevados 11,7% de agosto de 2002. O rendimento médio real caiu 1,5% relativamente a julho de 2003 e despencou 13,8% quando comparado a agosto de 2002.

Não há, efetivamente, motivo para grandes comemorações. A economia brasileira vem

passando por uma recessão severa, que tem penalizado especialmente a parcela mais pobre da população. O comportamento da produção industrial ao longo de 2003, inclusive em agosto, apenas confirma o fato de que a política macroeconômica baseada no ajustamento do balanço de pagamentos com câmbio flutuante e metas de inflação submete a economia a um *stop and go* perverso, onde empobrecimento da população e baixo consumo interno são a outra face da moeda do dinamismo das exportações.